



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos "outros". As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja "a economia" ou que caracterize algo - prática, teoria - como "econômico". A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicos voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dádiva, as moralidades, o Estado e assim por diante.

"A gente gosta de solidariedade": dinheiro, religião e cidade a partir de senegaleses vendedores de rua em Porto Alegre (RS)

Autoria: Filipe Seefeldt de César (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O work aqui proposto trata da venda de rua irregular desempenhada por senegaleses na cidade de Porto Alegre (RS). Por objeto principal, tomo alguns dos cruzamentos espaço-temporais que caracterizam a rede social na qual tais imigrantes buscam a viabilização cotidiana de seu ofício, por meio de ?agenciamentos? que vivenciam cotidianamente, no termo de Michel Callon. Para isso, os dados empíricos resultam de vivências urbanas que acessei entre março e dezembro de 2019 conforme guiadas por tais sujeitos, como parte inicial da investigação de uma pesquisa etnográfica de doutorado. A partir de observação participante e conversas informais registradas em diário de campo, argumento que a venda de rua senegalesa não se limita aos espaços e tempos do expediente laboral, ou seja, à consumação de trocas impessoais e sincrônicas. Pelo contrário, e como primeiro passo do texto, ensaio a proposição de que o sentido dado por esses imigrantes a seu ofício, à luz da noção êmica de "teranga", agencia um conjunto de "trocas monetárias", nos termos de Florence Weber, nas quais interesse e intimidade aparecem variavelmente imbricados. As combinações resultantes, por sua vez, fluem ao longo de canais urbanos multissituados de sociabilidades religiosas murid (referente àquilo ou àquele pertencente ao mouridismo, irmandade muçulmana sufi fundada no Senegal da segunda metade do século XIX). Em um segundo momento do texto, proponho que essa vinculação cotidiana entre dinheiro e religião emerge como condição de possibilidade do ofício irregular frente ao poder público e à imprensa mainstream local, justamente porque opera por ?práticas escalares? ? noção de Summerson Carr e Michael Lempert ? alternativas ao universo do ?mercado informal? que estas instâncias costumam narrar



como dado. Na contramão da redução do imigrante senegalês a uma espécie de homo economicus vítima e/ou agente mal-intencionado de uma prática danosa à economia brasileira, descrevo os agenciamentos que tenho sido levado a perseguir no cruzamento dos espaços e tempos do dinheiro da venda de rua com aqueles da dahira Mouhadimatoul Hitma (nome da associação religiosa tipicamente murid conforme presente em Porto Alegre). A contribuição possível aos estudos brasileiros recentes sobre a imigração senegalesa é a de perceber como um sistema de reciprocidade característico desse fluxo humano se espalha, a partir dos vendedores, pelas materialidades e pessoas urbanas variavelmente envolvidas com um work irregular.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: